

*"A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES." (KARL MARX)*

# MULHERES PELO SOCIALISMO

Manifesto de  
fundação

PÁG 4

Um lugar  
para lutar

PÁG 5



A ilustração desta capa foi inspirada em um cartaz revolucionário russo de 1917. No original se lê: *"Trabalhadoras mulheres peguem seus rifles!"*



## POLÊMICA

# Capitalismo e assédio no trabalho: Movimento Time's Up e #MeToo não são a solução

LUCY DIAS

dlucy.1917@gmail.com

O assédio sexual no ambiente de trabalho não é uma coisa nova no capitalismo. Friedrich Engels em seu trabalho sobre as condições dos operários na Inglaterra, em 1845, apontava também a infame relação entre as operárias e os patrões:

*“De resto, compreende-se que a servidão na fábrica, como qualquer outra e mais que qualquer outra, confira ao patrão o ‘jus primae noctis’ (Direito à primeira noite; pretensão direito dos senhores feudais de ter relações com as esposas de seus vassallos ou dependentes na noite de núpcias). O industrial é o senhor do corpo e dos encantos de suas operárias. A ameaça de demissão é uma razão suficiente em 90%, senão em 99%, dos casos para anular qualquer resistência das jovens que, ademais, não têm muitos motivos para preservar sua castidade. Se o industrial não tem escrúpulos (e o relatório da comissão de fábricas relata vários exemplos do gênero), sua fábrica é, ao mesmo tempo, seu harém. (...)”*

Se o assédio não é novidade, a movimentação entre as grandes atrizes de



Hollywood, que lançaram manifesto aderindo ao #MeToo, e contra Harvey Weinstein, se tornou a polêmica do momento.

O movimento #MeToo surgiu em 2006 com o objetivo de apoiar jovens negras e pobres que sofriam assédio no trabalho e que não tinham como pagar os custos de um processo contra seus patrões. Em janeiro de 2018, no entanto, grandes atrizes de Hollywood, depois de várias denúncias de assédio no trabalho, lançaram iniciativa de arrecadação de US\$ 15 milhões para o fundo, com

o objetivo de apoiar homens e mulheres com baixos salários, empregadas domésticas, porteiros, garçonetes, trabalhadores de fábricas e da agricultura, que sofreram assédio no trabalho a entrar com processos judiciais e a não se calarem.

A iniciativa dessas milionárias ficou conhecida como Time's Up (Acabou o Tempo) e também exige que mulheres ocupem mais postos de poder e liderança. Entre suas apoiadoras, estão Meryl Streep, presidente da Universal Pictures, Maria Eitel, presidente

## Quem Somos

A Esquerda Marxista (EM) é uma organização revolucionária de luta pelo socialismo.

Como seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (CMI), participamos em todo o mundo da luta pela abolição do capitalismo e pela República Socialista Universal dos Conselhos.

Lutamos contra a colaboração de classes dos reformistas. Mas, nada temos a ver com os ultraesquerdistas que se dedicam ao divisionismo e ao denunciamento impotente.

Nós lutamos pela unidade e pela independência política da classe trabalhadora. Nosso objetivo é ajudar os trabalhadores e a

juventude revolucionária a construir um partido operário revolucionário e socialista de massas.

A Esquerda Marxista dirigiu as ocupações de fábricas no Brasil lutando por sua estatização sob controle dos trabalhadores. Lutamos por Transporte, Saúde e Educação Públicos e gratuitos para todos. Pela reestatização de tudo o que foi privatizado, contra a criminalização dos movimentos e organizações dos trabalhadores, em defesa das conquistas e reivindicações da classe trabalhadora e da juventude. O capitalismo e seus partidos são nossos inimigos. Lutamos pela revolução e pelo socialismo.

da Nike Foundation e Tina Tchen, ex-chefe de gabinete de Michelle Obama.

Se, por um lado, o Mulheres pelo Socialismo é absolutamente contra qualquer tipo de violência contra a mulher, inclusive mulheres ricas, por outro lado, não podemos dar nosso apoio a esse movimento.

O Time's Up é um movimento que busca resolver os problemas de assédio das trabalhadoras por dentro do sistema vigente, utilizando seus aparatos (dinheiro) e suas instituições (justiça burguesa); é um movimento que atomiza as mulheres na luta contra os patrões, fazendo com que o problema pareça individual; é um movimento que não considera a crise e decadência do capitalismo e a enorme ameaça de desemprego que representa um processo judicial contra o patrão, sem falar no assédio moral que faz com que muitas mulheres abandonem o trabalho; é um movimento que pede postos de liderança e poder para mulheres, mas que mulheres? Obviamente, mulheres burguesas, assim como elas, que não medirão esforços para atacar as mais pobres em nome da manutenção do sistema; é um movimento burguês, que não avança nenhum passo na consciência das trabalhadoras sobre sua emancipação, e claro, nem o poderiam fazer, pois isso seria chamar as trabalhadoras para derrubar o sistema capitalista.

Apontamos que para acabar com os assédios no trabalho, as mulheres devem

se organizar em campanha contra o assédio, chamar os homens de seus locais de trabalho a apoiá-las e realizar greves, paralisações e manifestações contra tais e outras agressões. É preciso vencer a atomização das trabalhadoras e do movimento operário, e unificar as forças nos sindicatos. Só grandes mobilizações de base e de massas com métodos operários pode oferecer uma solução para o assédio sexual enfrentado pelas trabalhadoras.

Mas mesmo isso, não é suficiente. É preciso conectar as lutas por salário iguais e pelo fim do assédio no trabalho com a luta por uma nova sociedade, pelo socialismo. O capitalismo nunca ofereceu e nem vai oferecer nada às mulheres trabalhadoras além de opressão e superexploração, assim como Engels relatou 173 anos atrás.



## Foice & Martelo

### CONSELHO DE REDAÇÃO

Serge Goulart, Alex Minoru, Luiz Bicalho, Johannes Halter, e Evandro Colzani.

### EDITOR

Johannes Halter

### JORNALISTA RESPONSÁVEL

Rafael Prata MTB nº 40040/SP

### DIAGRAMADOR

Evandro Colzani

jornal@marxismo.org.br  
www.marxismo.org.br

Rua Tabatinguera, 318, Centro  
São Paulo/SP - CEP: 01020-000  
Fone: (11) 3101-8810

## EDITORIAL

# Eleições em meio à crise

ESQUERDA MARXISTA  
jornal@marxismo.org.br

A classe trabalhadora brasileira não está e não se sente derrotada. O governo Temer, por outro lado, bate recordes de impopularidade, sendo satirizado até em desfile de escola de samba no carnaval carioca.

A crise econômica e política vai se expressar nas eleições deste ano, também marcadas pela imprevisibilidade em relação ao seu resultado final.

A crise da burguesia se evidencia desde já na dificuldade em definir seu candidato. Geraldo Alckmin, do PSDB, não decola nas pesquisas. Henrique Meireles, homem de confiança do mercado, sofre por estar ligado ao desmoralizado governo Temer. Este cenário deixa em aberto a busca por um nome que apareça como o “novo”. As pretensões de João Doria parecem ter sido minadas pela queda de sua popularidade como prefeito da capital paulista. Diferentes setores da classe dominante, incluindo o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, tentaram convencer o apresentador Luciano Huck a se candidatar, mas

ele continua negando essa possibilidade. Enquanto Marina Silva tentará mais uma vez emplacar seu discurso “nem de direita, nem de esquerda”.

Em segundo lugar nas pesquisas está Bolsonaro, expressão distorcida e reacionária do rechaço ao sistema político e da polarização social. Um fenômeno similar ao de Trump nos EUA. É tarefa dos marxistas desmascarar o programa de Bolsonaro, mostrando o seu caráter burguês, de defesa do sistema atual.

## Lula é alternativa?

O impeachment de Dilma proporcionou a Lula e ao PT um pequeno fôlego. Em alguns setores ainda podem sobreviver ilusões no reformismo. Em uma comparação pragmática e superficial, é compreensível a conclusão de que a vida era melhor na época do governo Lula, sem levar em consideração que a crise econômica ainda não tinha atingido em cheio o Brasil. Esta é a razão central para que sua candidatura esteja à frente nas pesquisas eleitorais. No entanto, isso não significa que a classe trabalhadora retomou a confiança em Lula e no PT.

Apesar da tentativa de Lula de se mostrar ainda útil para garantir a paz social para o capitalismo, a burguesia decidiu acabar com a época de conciliação de classes, quer retomar ela própria a dianteira do aparelho de Estado para ir mais fundo nos ataques. Por isso descartam o PT, que já se mostrou incapaz de conter as massas desde junho de 2013. Agora querem tirar Lula da corrida presidencial.

Como já expressamos diversas vezes, a Esquerda Marxista é contra a operação Lava Jato por seus objetivos políticos e econômicos burgueses, e a condenação de Lula sem provas. Defendemos seu direito de ser candidato. Mas não apoiamos o candidato Lula e sua política de conciliação de classes, que ele e o PT continuam defendendo, como pode ser visto na busca por alianças com setores do PMDB e outros partidos de direita.

## As pressões sobre o PSOL

Há uma pressão pela “unidade” da esquerda em torno da candidatura de Lula, o que atinge diretamente o PSOL.



Tem relação com isso o bloqueio da direção do PSOL no lançamento de uma candidatura presidencial, o que teve como resultado que até agora Lula apareça como o único candidato de oposição de esquerda. Além disso, costura-se uma campanha sem muitas críticas ao PT, já preparando o apoio no segundo turno. Por isso o PSOL aceitou participar de ato para lançar um manifesto intitulado “Unidade para reconstruir o Brasil”, junto com PT, PCdoB, PDT e PSB.

A espera pela candidatura de Guilherme Boulos não só atrasa o lançamento de um candidato, como também significa a busca por um nome que tem proximidade com Lula e que defen-

da um “reformismo de esquerda”. Uma linha que não toca na luta pela revolução e nem no socialismo, mas restringe-se a reformas para melhorar o sistema vigente.

Defendemos que o PSOL deve ter uma candidatura luta de classes, revolucionária e socialista, que se diferencie radicalmente do programa do PT. Por isso apoiamos a pré-candidatura de Nildo Ouriques à presidência pelo PSOL.

Estas eleições ocorrerão com as massas estão enojadas com as instituições burguesas e seus representantes. Atuamos para ajudá-las a compreender que a solução de seus problemas passa pela insurreição revolucionária contra esta velha e decadente sociedade.

## NACIONAL

# Intervenção federal: uma das armas “democráticas”

JOHANNES HALTER  
haltercontato@gmail.com

A imagem de um homem à beira de um precipício retrata bem as últimas movimentações dos políticos desmoralizados do PMDB. A intervenção federal no Rio de Janeiro ordenada por Michel Temer busca demonstrar força por parte da presidência e salvar o governador Luiz Fernando Pezão que gerencia um desastre.

Para Pezão o auxílio confere força para administrar o caos econômico, social e administrativo. Como argumento os peemedebistas valeram-se da crise de segurança. No entanto o es-

tado está em 10º lugar no ranking de mortes nacional, atrás de Sergipe, Rio Grande do Norte, Alagoas, Pará, Amapá, Pernambuco, Bahia, Goiás e Ceará. Temer e Pezão desejam contornar as consequências do capitalismo no Rio de Janeiro e salvar seus próprios pescoços.

A situação se configura por um endividamento brutal do Estado, baseado no preço do barril do petróleo e nas grandes obras. Com a queda dos valores e a escassez dos recursos públicos, o Estado e sua economia mergulharam em uma profunda crise. O segundo maior índice de desemprego do país e crescentes indicadores de

violência foram resultados inevitáveis.

Accionando o Exército Temer envia a mensagem de estar dentro do tabuleiro político, de possuir fôlego e que busca reverter sua impopularidade. No entanto, as atenções da burguesia e seus representantes estão voltadas para as eleições. Por isso deputados e senadores rejeitaram arcar com o ônus de aprovar a PEC da reforma da previdência, apesar das ofertas para compra de votos e suborno.

Com o decreto de 16 de fevereiro, Temer livrou-se de mais um vexame. Havia estipulado o dia 20 como limite para colocar a PEC no Congresso, porém ne-

nhuma mudança na constituição pode ser aprovada quando um estado da federação está sob intervenção. A intenção fica nítida pela validade do decreto (31 de dezembro de 2018), pelo seu ineditismo e porque a atuação em crises estaduais vinha ocorrendo por meio das operações de Garantia da Lei e Ordem (GLO), como nos casos do Espírito Santo e Rio Grande do Norte.

Tanto a intervenção federal quanto os episódios com a GLO ocorrem dentro do “Estado Democrático de Direito”. A atuação das tropas militares no Rio de Janeiro tem como objetivo aumentar a repressão à população das favelas e

demais bairros proletários. São expressão disso os mandados de busca coletivos e a reprodução da atuação das tropas brasileiras no Haiti.

Ao mesmo tempo, a burguesia teme perder o controle da situação, como expressou o comandante do Exército, general Eduardo Villas Boas, ao mostrar seu temor sobre o surgimento de uma Comissão da Verdade sobre a intervenção. Com esse ato de desespero de Michel Temer, as massas brasileiras passarão por mais uma lição sobre o caráter da atual República e sobre a impossibilidade de alcançar a solução dos seus problemas por meio dela.



# Manifesto

# Mulheres pelo Socialismo!

*“O que o comunismo pode dar às mulheres, o movimento feminino burguês não poderá dar. Durante o tempo em que existir a dominação do capital e a propriedade privada, a libertação da mulher é impossível.” - 3º Congresso da Internacional Comunista - Junho de 1921*

A história que vivemos até hoje é a história da luta de classes, homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhores feudais e servos, burgueses e operários, em suma, a luta entre opressores e oprimidos, como analisado por Marx e Engels no Manifesto Comunista.

Alguns dizem que essa luta entre opressor e oprimido se expressa de forma mais aguda na relação entre homens e mulheres. E que todos os homens seriam opressores e todas as mulheres seriam oprimidas.

As condições de vida e de trabalho das mulheres operárias são, sem dúvida, em geral, desvantajosas em comparação com a dos homens, mas isso de forma alguma transforma todos eles em opressores, assim como nem todas as mulheres são oprimidas.

Nas relações domésticas a opressão muitas vezes opõe os sexos, isso por conta da própria história do progresso humano, que passa pela divisão social do trabalho, a constituição da família, o surgimento da propriedade privada e a formação do Estado. Um progresso contraditório, diria Lênin, pois “cada progresso é simultaneamente um retrocesso relativo, e o bem-estar e o desenvolvimento de uns se verificam às custas da dor e da repressão de outros”.

As mulheres são as mais sobrecarregadas com os trabalhos domésticos, com a educação dos filhos e a administração da casa. A maioria esmagadora dos homens está alheia aos trabalhos domésticos, das tarefas da vida familiar. Enquanto as mulheres permanecem escravizadas às tarefas do lar, que deveriam ser de responsabilidade do Estado, ao mesmo

tempo em que são exploradas no mercado de trabalho.

Com isso, poderíamos chegar à conclusão de que sim, todos os homens são opressores, vivem de privilégios e subjugam todas as mulheres. Mas coloquemos uma lupa na questão e logo concluiremos a falsidade dessa análise. E não só a falsidade, como também seu desenvolvimento em táticas de segregação, a transformação em um combate de mulheres contra homens, o que leva à criação de mais entraves que apenas fortalecem a exploração dos capitalistas.

## Como pode uma mulher ser opressora?

Dentro da sociedade dividida em classes, tanto homens como mulheres são submetidos a um conjunto de ideias disseminadas pela burguesia. Mas por meio da consciência política, homens e mulheres assumem posturas de acordo com seus interesses de classe. Um programa burguês pode ser perfeitamente aplicado por uma mulher e beneficiar homens e mulheres que detêm os grandes meios de produção, enquanto explora e oprime homens e mulheres trabalhadores que terão de se vender em troca de um sa-

lário.

Na história do capitalismo, temos diversos exemplos de mulheres que, ao defenderem a propriedade privada ou até mesmo a conciliação entre os interesses da classe operária e da burguesia, oprimiram não só homens trabalhadores, mas também mulheres trabalhadoras, prejudicando ainda mais sua condição de vida. Um exemplo próximo é a atuação da então presidente Dilma Rousseff, eleita em 2010 como a primeira mulher a presidir o país. Em algumas manifestações, as organizações ligadas ao PT cantavam “No meu país eu boto fé, porque ele é governado por mulher”. Vejamos: mesmo sabendo que a cada dois dias uma mulher pobre morre no Brasil porque tentou abortar em uma clínica clandestina, Dilma não moveu uma palha para legalizar o aborto e colocá-lo na pauta da saúde pública, com acom-

panhamento físico e psicológico.

Mesmo sabendo que os assassinatos representam, hoje, metade das mortes de jovens até 29 anos no Brasil, Dilma restringiu o tempo de pensão por morte para os cônjuges mais jovens, que são, em grande parte, viúvas desses jovens mortos, que terão de enfrentar a tarefa de cuidar de si e dos filhos sozinhas, sem a renda do companheiro (trata-se da Medida Provisória 664, transformada em lei em 2015 com sua aprovação no Congresso Nacional).

Além desse exemplo, podemos citar a política de Thatcher, Angela Merkel, Condolezza Rice e outras governantes e capitalistas do sexo feminino.

## O capitalismo e as mulheres

Com o desenvolvimento das forças produtivas, o trabalho humano passou a experimentar algo incrivelmente novo: a força física tornou-se supérflua e a concorrência entre todos os trabalhadores passou a organizar as relações sociais de produção. Mulheres e crianças entraram no mercado de trabalho, pois o salário de apenas um operário não era suficiente para manter sua família. Os salários

de mulheres e crianças, muito inferiores aos dos homens operários adultos, significou o rebaixamento geral de todos os salários e aumento do desemprego. Na atualidade, o sistema ainda mantém a força de trabalho feminina com salários mais baixos em relação a uma mesma função executada por um homem.

Como um dos braços do capital, o feminismo burguês desenvolveu a ideia de que as mulheres devem ser – assim como os homens – empreendedoras e estar à frente da política, mas se esquecem de dizer que esses negócios e essa política contam com a exploração da maioria da população.

## Um lugar para lutar!

Nós, do Mulheres pelo Socialismo, não acreditamos que seja possível alcançar a emancipação através de condutas, códigos e ações individuais. Para nós, superar a opressão e a exploração significa agir conscientemente para transformar a sociedade que vivemos hoje. Significa combater todas as formas de opressão, entendendo que a sociedade capitalista as dissemina o tempo todo, com todas as instituições que estão ao seu serviço. O feminismo pequeno-burguês, acadêmico e sectário, que sobrepõe a luta entre gêneros à luta de classes, ou o feminismo burguês, empreendedor e individualista, nada tem a oferecer para as mulheres operárias e àquelas mulheres e homens que adotam um ponto de vista histórico e de classe.

O avanço experimentado pela Revolução Russa nos mostra que apenas o socialismo baseado na economia planificada, na igualdade de direitos e deveres e no acúmulo das expe-



## MULHERES PELO SOCIALISMO

riências históricas da humanidade, poderá dar as bases materiais para construir uma sociedade livre de toda a opressão e exploração. Legalização do aborto, construção de creches e lavanderias públicas, plena participação na vida política, intelectual e científica do país, todas essas conquistas da revolução socialista libertaram a mu-

lher de sua posição inferior dentro da sociedade.

Contudo, temos plena consciência da necessidade de lutar desde agora para avançar em direitos e em nível de consciência.

Por isso,

apresentamos um conjunto de reivindicações transitórias, sistematizadas na Plataforma Política de Luta pela Emancipação da Mulher Trabalhadora, que orienta teoricamente toda a ação das Mulheres pelo Socialismo.

Reivindicamos:

- Trabalho Igual, Salário Igual!

- Redução da jornada,

sem redução de salários! Estabilidade no emprego! Pleno emprego para a classe trabalhadora!

- Plenos direitos trabalhistas aos trabalhadores domésticos, incluindo diaristas!

- Pela legalização do aborto e laicização das decisões do Estado!

- Ampliação da licença maternidade até os primeiros 18 meses de vida do bebê! Licença paternidade igual à licença maternidade!

- Combater toda violência contra a mulher!

- Contra toda forma de mercantilização do corpo da mulher!

- Contra todo tipo de opressão e discriminação!

- Por uma saúde públi-

ca, gratuita e para todos, sem distinção ou restrição!

- Lavanderias públicas, restaurantes públicos e creches públicas para todos!

- Previdência pública, solidária e universal!

- Revogação das Reformas da Previdência de FHC, Lula e Dilma. Aposentadoria por tempo de trabalho para homens e mulheres!

Com esse manifesto, convocamos homens e mulheres dispostos a se agruparem em torno de uma plataforma revolucionária de luta para a emancipação da classe operária e das mulheres trabalhadoras.

Junte-se às Mulheres pelo Socialismo!



# Mulheres pelo Socialismo: um lugar para lutar!

Ao longo do primeiro semestre de 2018, a Esquerda Marxista irá realizar o lançamento das Mulheres pelo Socialismo. Essa decisão se deu após anos de discussão e acúmulo teórico, organizado pela Comissão de Mulheres da Esquerda Marxista.

Mais do que lançar uma sigla em meio às inúmeras organizações de mulheres que vêm sendo criadas nas últimas décadas, nosso objetivo é construir um lugar no qual as mulheres trabalhadoras e estudantes possam se organizar em luta contra o capitalismo.

Conforme exposto em nosso Manifesto, acreditamos, como mulheres comunistas, que a luta pela emancipação da mulher é a luta pela emancipação da humanidade. E que isso só será possível através da superação do capitalismo. Afirmamos também a importância da luta por uma pauta de reivindicações transitórias, que sejam capazes de conectar as necessidades imediatas das mulheres trabalhadoras à luta por uma sociedade socialista.

O imenso mosaico de organizações feministas, com suas diversas bases teóricas e ações políticas, ao mesmo tempo em que atrai parte da juventude, reforça atitudes individualistas que tiram o foco da luta de classes. A luta contra o homem – ser genérico, machista e opressor à priori; a exclusão de pessoas em função de sua orientação sexual ou identidade de gênero; o discurso de ódio contra mulheres trans; a romantização da prostituição e a supervalorização do empreendedorismo feminino são alguns exemplos de políticas desenvolvidas por algumas vertentes do movimento feminista atual que desorientam a luta fundamental contra o modo de produção capitalista.

Sem desconsiderar a importância dos movimentos feministas para a história humana, e considerando-o como, em muitos casos, a porta de entrada das meninas e mulheres no mundo político, Mulheres pelo Socialismo tem como base política a teoria marxista que, a partir das contribuições de Marx e Engels,

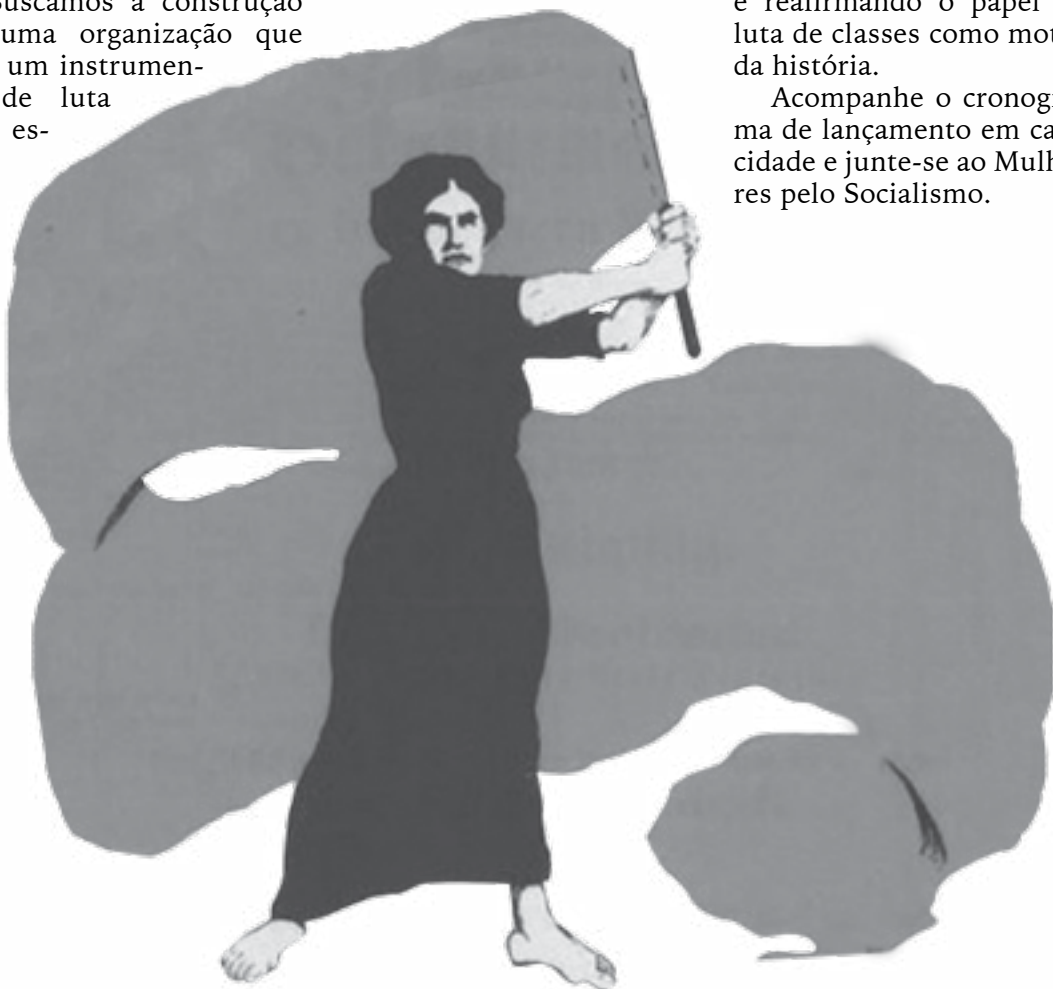
foi desenvolvida por valerosos militantes marxistas ao longo da história, como Clara Zetkin, Alexandra Kollontai, Rosa Luxemburgo, Trotsky e Lênin.

Buscamos a construção de uma organização que seja um instrumento de lutas es-

colas, universidades, sindicatos, fábricas, nos bairros e comunidades onde existam jovens e trabalhadoras dispostas à construir o futuro.

Mulheres pelo Socialismo será um espaço de discussão e construção das pautas transitórias e da ampliação da consciência, intensificando nossa força e reafirmando o papel da luta de classes como motor da história.

Acompanhe o cronograma de lançamento em cada cidade e junte-se ao Mulheres pelo Socialismo.





# O papel do Judiciário na superestrutura das sociedades de classes

ALEXANDRE MANDL

alexandremandl@yahoo.com.br

Com a crescente polarização da luta de classes, temos visto uma ampliação do processo de judicialização dos conflitos sociais, resultando em uma maior exposição do Poder Judiciário. Por não ser eleito e não ter partido, acaba por provocar muitas vezes uma ilusão na população, inclusive chamando um órgão fundamental da classe dominante como “Justiça” e fundado numa pretensa neutralidade. Trata-se de um bastião importante da burguesia justamente por isso, pela sua aparência. Produz “ídolos” como Sérgio Moro na mesma esteira que se desmoraliza, quando descartável, ao tratar de seus benefícios como auxílio moradia. Escancara suas contradições, ao prender jovens negros da periferia, como Rafael Braga, e deixar soltos filhos de desembargadores ou mesmo Aécio Neves. Portanto, para melhor intervir na luta de classes, é imprescindível entender o papel do Judiciário no capitalismo, expondo sua origem e suas características.

Engels nos ensina que: “O Estado não é de forma alguma, uma força imposta, do exterior, à sociedade. (...) É um produto da sociedade numa certa fase de seu desenvolvimento. É a confissão de que esta sociedade se embaraçou numa insolúvel contradição interna, se dividiu em antagonismos inconciliáveis de que não pode desvencilhar-se. Mas, para que as classes antagonicas, com interesses econômicos contrários, não se entrededorassem e não devorassem a sociedade numa luta estéril, sentiu-se a necessidade de uma força que se colocasse aparentemente aci-

ma da sociedade, com o fim de atenuar o conflito nos limites da ‘ordem’” (“A origem da família, da propriedade privada e do Estado”: Civilização Brasileira, 1985, p. 194/195)

Alysson Mascaro explica que: “Da mesma forma que o Estado, o Direito não nascerá da vontade geral – portanto não é fundado no contrato social, nem numa pretensa paz social”. (“Introdução à Filosofia do Direito”: Atlas, 2006, p. 121).

A tradição marxista exige que a análise do Direito seja feita a partir da luta de classes, para revelar as raízes da ideologia jurídica burguesa. Para que surgisse a sociedade burguesa foi preciso que ocorresse um processo de expropriação direta do trabalhador, e que esse trabalhador constituísse como homem livre, num duplo sentido; por um lado, livre das condições da produção, especialmente dos instrumentos do trabalho e, por outro lado, livre no sentido de que ele pudesse dispor de si mesmo vendendo a sua

força de trabalho. Assim foi possível o surgimento da relação de capital, que vinculou em uma unidade contraditória, o proprietário das condições da produção e o proprietário da força de trabalho por meio de um ato de vontade e não por meio da violência direta.

Dessa forma, a emergência das categorias da liberdade e da igualdade fez com que o homem se transformasse em um sujeito de di-

reito; qualquer ser humano passou a ser dotado da mesma capacidade jurídica, podendo realizar atos jurídicos, celebrar contratos. Uma vez investido de personalidade, o homem, agora sujeito de direito, pode vender seus atributos de tal sorte que podemos dizer que a liberdade do homem é o seu livre consentimento. O capitalismo exige a presença do homem livre, que possa vender a sua força de trabalho, porque ele se funda numa relação de assalariamento e não na coerção direta sobre o trabalhador. Quando o trabalhador celebra o contrato com o capitalista não é possível perceber aí qualquer desigualdade na relação entre esses agentes, pois, aparentemente, o trabalhador recebe pelo trabalho despendido um equivalente – o “justo salário”. Não há, portanto, aparentemente, nenhuma exploração e nenhuma dominação entre os agentes envolvidos na troca. Ela é “livre e justa”. Por isso que a igualdade jurídica é central para a legitimação

do poder da classe dominante e reprodução das ilusões na “Justiça”. A igualdade jurídica oculta a desigualdade real. A noção de “Justiça” oculta o que representa o Poder Judiciário – órgão de manutenção dessa reprodução social.

Assim, é um desserviço para compreender a realidade que vivemos dizer que “a defesa é técnica” ou “se o julgamento for técnico, deveria ser absolvido”, etc., como muitas vezes escutamos. A tarefa dos marxistas deve ser justamente a de revelar o caráter do Poder Judiciário na sociedade de classes. Deve explorar suas contradições e “derrubar suas máscaras”. O Direito não é uma ciência exata/técnica; é uma disputa política, construída cotidianamente na dinâmica da luta de classes. Não podemos ter ilusão no Judiciário, ao mesmo tempo que isso não significa não intervir e disputar, mas tão somente saber qual é o terreno que está ocorrendo essa disputa. Quanto mais claro soubermos disso, melhor nossa intervenção. O melhor exemplo para constatar isso é justamente a expressão direta da ação da classe trabalhadora – a greve, vez que ela permite discutir a diferença entre greve (um fato social decorrente da decisão soberana dos trabalhadores) com o direito de greve (como supostamente o direito trata a greve). Quando os trabalhadores decidem que a greve continua mesmo depois de uma decisão da “justiça”, que decretou que “a greve é ilegal!”, desmoro-na-se a ideologia jurídica e avança-se para a compreensão do caráter de classe do Poder Judiciário.



Assine o **Foice & Martelo**



Um jornal proletário e independente!

Acesse [www.livrariamarxista.com.br](http://www.livrariamarxista.com.br) e assine.

**10**

edições  
R\$ 40

**15**

edições  
R\$60

**20**

edições  
R\$ 80

**40**

edições  
R\$160

## INTERNACIONAL

# Honduras em rebelião: ditadura ameaçada pelas massas

FRANCINE HELLMANN  
hellmann.francine@gmail.com

Há mais de três meses Honduras está em chamas, com o povo nas ruas protestando contra fraudes nas eleições de 26 de novembro. A insurreição que se espalhou pelos 18 departamentos do país exigindo o reconhecimento de vitória de Salvador Nasralla está entre os maiores movimentos de massas da história do país, com potencial revolucionário comparável à Nicarágua de 1979. Ainda assim, em 27 de janeiro último, Juan Orlando Hernández (JOH) foi empossado presidente pela segunda vez, dando continuidade ao golpe de Estado que derrubou Juan Manuel Zelaya, em 2009. Isso só foi possível porque, novamente, demonstrou-se verdadeiro o que Leon Trotsky explica no Programa de Transição: “A crise histórica da humanidade reduz-se à crise da direção revolucionária”. No entanto, este governo está agora ainda mais débil, desprestigiado, submetido a uma grande pressão dos trabalhadores e pode não chegar ao fim do mandato.

A depender da disposição de luta dos trabalhadores,

JOH não teria recolocado as mãos no poder. Após as eleições, onde ficou evidente a submissão do Tribunal Supremo Eleitoral (TSE) à ditadura, as ruas foram tomadas e se formaram barricadas. Prefeituras foram ocupadas e incendiadas. Houve forte repressão policial e estima-se que pelo menos 36 pessoas morreram. Havia um enorme impulso vindo de baixo. Nasralla e a Aliança de Oposição Contra a Ditadura foram vistos como a ferramenta para derrubar a ditadura. O povo estava disposto a dar seu sangue, não pela sua direção, mas apesar dela.

Nasralla tem origem como comentarista esportivo de televisão. Fez parte do Partido Anticorrupção, que tem caráter burguês, apresentando-se às eleições presidenciais passadas. Depois, entrou em uma aliança com o Partido Libre e com o pequeno Partido Inovação e Unidade. A força vertebral deste agrupamento, no entanto, é o Libre – único que tem uma real base de massas, mas cuja aliança tem lhe rendido uma virada à direita no programa.

A Aliança tem errado em tentar canalizar a luta popular no caminho da legalidade



e da defesa das instituições. Nasralla chegou a assinar uma carta da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), comprometendo-se a aceitar os resultados do TSE. Depois, voltou atrás, mas quando a luta nas ruas atingia seu ápice, foi a Washington buscar reconhecimento. Trump, é claro, reconheceu JOH como ganhador das eleições – caminho seguido por vários países, incluindo o Brasil presidido por Temer.

Tudo isso contribuiu para que o movimento comesse a perder ânimo. A história ensina que as revoluções têm seu tempo e que ele pode ser perdido. Quando JOH foi de-

clarado vencedor era necessário ter convocado assembleias nos sindicatos, universidades e povoados para aprovar uma greve geral e ações unificadas. Libre, Frente Nacional de Resistência Popular, sindicatos, organizações estudantis, entre outras, precisariam ter se colocado em ação. As bases do Exército deveriam ter sido chamadas a não reprimir o povo, prédios públicos deveriam ter sido ocupados e uma situação de duplo poder estabelecida. Mas isso não foi feito. Ocorreram grandes manifestações, mas não orientadas para que os trabalhadores a tomarem o poder em suas mãos.

As péssimas condições de vida ao qual o povo hon-

duenho está submetido, no entanto, não serão melhoradas. Pelo contrário, tendem a piorar com a continuidade de um governo sanguinário, totalmente submisso ao capital internacional e imerso na crise do capitalismo. Embora JOH tenha se imposto de forma fraudulenta, a lembrança dos mortos e os ensinamentos da revolta não serão facilmente apagados. Em 29 de janeiro, a Corrente Marxista Internacional publicava: “Essa luta foi uma enorme escola. É necessário unificar os setores mais conscientes da classe trabalhadora e da juventude em uma esquerda marxista, vinculada firmemente à luta revolucionária do povo, que defenda uma tática, estratégia e programa autenticamente socialistas para acabar com este Estado fraudulento e corrupto e seu apodrecido sistema capitalista. Com a imposição de JOH, a perspectiva não é de calma, mas de guerra de classes. Devemos nos preparar para as futuras batalhas.”

Honduras merece ser estudada e os ensinamentos do que lá ocorre são essenciais aos marxistas de todo o mundo.

## “América Primeiro”: nova tática para os mesmos fins imperialistas

JOHANNES HALTER  
haltercontato@gmail.com

Uma das marcas psicológicas dos líderes norte-americanos reside na hipocrisia. O presidente Donald Trump eleva essa qualidade a um nível superior. Desde de que assumiu a Casa Branca, ele tem distribuído alertas, advertências e sanções para proteger o mundo contra ameaças nucleares, apontando Coreia do Norte, Irã e Rússia. Em janeiro deste ano, porém, recomendou em discurso modernizar e reconstruir o arsenal nuclear dos EUA. No mês seguinte, apresentou ao Congresso um superorçamento aumentando em 14,1% os gastos militares.

Um presidente sincero diria que está alarmado e quer ajuda para impedir que novas nações desenvolvam capacidade nuclear e dissuadam a ameaça militar norte-americana. Frisaria também que a renovação de seu próprio estoque serve para deixar claro a possibilidade de novas Hiroshima e Nagasaki. Como explicação do orçamento militar maior, enfatizaria que guerras convencionais serão recursos caso seus oponentes recusem abandonar seus planos.

Trump herdou um governo imperial mergulhado em tensões internacionais. Duas guerras intermináveis, profundos impactos internos da crise econômica de 2008, uma economia mundial vivendo de

aparelhos, a Zona do Euro dividindo-se, instabilidade política nos países, uma atuação desastrosa na Síria, um impasse na Criméia e uma série de conflitos, rebeliões e guerras localizadas. Esse conjunto de problemas e conflitos representa um declínio relativo dos EUA, cujas posições estão sendo ocupadas por nações adversárias.

As ações rompantes, alarmistas e ameaçadoras do novo presidente ocorrerem diante dessas circunstâncias. Muito mais do que atitudes irresponsáveis, seus atos governamentais e sua política “América Primeiro” correspondem a uma nova tática para as peças dos EUA no tabuleiro mundial. Durante a gestão de

Barack Obama, o imperialismo apostou em desenvolver parcerias multilaterais e controlar blocos econômicos por todo o mundo como forma de garantir seus interesses. “América Primeiro” significa que agora os EUA agirão de modo a assegurar os interesses de sua burguesia e de sua economia mesmo que aos custos da desgraça de outras nações ou mesmo de conflitos diplomáticos ou militares.

No entanto, a burguesia norte-americana não está unificada sobre isso. Essa divisão expressou-se na corrida eleitoral de 2016. Os escândalos, investigações e conflitos envolvendo Trump são a continuidade daquela disputa. São tentativas de setores do impe-

rialismo de destituir o presidente, valendo-se para isso das alavancas que a burguesia dispõe no aparato de Estado norte-americano, como a CIA, o FBI, o Judiciário e o Congresso.

A resistência de Trump aos adversários demonstra que, embora contrariados e à força, outros setores do imperialismo norte-americano têm se alinhado pela política do “América Primeiro”. São novos meios para os mesmos fins infames, que dão repulsa a qualquer um que deles tome conhecimento. Para camuflar suas intenções vis, Trump recorre à hipocrisia tanto quanto seus precedentes do Partido Democrata ou do Partido Republicano.



JUVENTUDE



# ACAMPAMENTO PREPARA JUVENTUDE PARA LUTAR PELA REVOLUÇÃO

**LIBERDADE E LUTA**  
contato@liberdadeeluta.org

Após quatro dias de debates, atividades culturais e formações políticas, os jovens que participaram do Acampamento Revolucionário 2018, em Florianópolis, saíram com a certeza de que uma revolução socialista é possível e necessária. O desafio que surge a partir do evento, ocorrido entre 25 e 28 de janeiro, é o de transformar todo esse aprendizado em ações práticas em cada escola e universidade do país.

## Unindo a teoria à prática

As discussões ocorridas envolveram tanto assuntos teóricos quanto temas mais ligados ao dia-a-dia dos jovens que participaram. Entretanto, toda a pauta do acampamento se relacionou com a ação da Liberdade e Luta durante 2018. Essa preocupação está ligada à necessidade de apresentar à juventude uma organização que se proponha a lutar contra os ataques do governo Temer, contra os problemas causados pelo capitalismo no mundo e pelo fim deste sistema.

Na abertura do acampa-

mento, foram apresentados dados sobre o crescimento do abismo entre exploradores e explorados. Hoje os 1% mais ricos da população mundial possuem 85% da riqueza produzida e os mais pobres, que formam 3,7 bilhões de seres humanos, não possuem nada. Mas, ao mesmo tempo, diversos relatos de resistência dos trabalhadores e dos jovens foram apresentados por se tratarem de uma consequência dessa situação de aumento da desigualdade.

No debate internacional, a convidada mexicana Fernanda Mosso falou sobre o aumento da repressão por parte do Estado no país, que utiliza o Exército contra a população que reivindica água, alimentação e moradia, sob o pretexto de que está combatendo o narcotráfico. Também falou sobre as consequências dos pacotes de austeridade implementados após a crise mundial iniciada em 2008, como o aumento da violência contra a mulher.

A mesa “Como derrubar Temer e o Congresso Nacional” apontou quais são os ataques do atual governo e como devemos nos organizar

para barrá-los. Em seguida, apresentaram-se exemplos de como governos foram derrubados pelos trabalhadores ao longo da história, reforçando a importância de uma direção revolucionária.

Os jovens discutiram política, mas também confraternizaram em festas, no Luau, na tarde livre para ir à praia, nas oficinas e numa noite de cine-debate.

## A juventude precisa aprender com a história

Um dos temas que permeou todo o acampamento foi o ano de 1968, quando jovens e trabalhadores de vários lugares do mundo combateram o capitalismo e, como foi no caso de Praga, enfrentaram também a burocracia stalinista que servia como um enorme freio dos trabalhadores.

O debate sobre 68 ajudou no entendimento das principais lições que esse importante ano pode proporcionar para aplicá-las hoje num mundo que novamente está grávido de revoluções. Podemos resumir em duas: a necessidade de unificar a luta dos estudantes com a luta dos trabalhadores e

que uma direção revolucionária é fundamental.

## Lutar pela liberdade e pela revolução

O clima de ânimo esteve presente durante todo o acampamento. Uma das discussões mais importantes, o debate sobre “Construir os Sindicatos de Estudantes”, contou com a participação da maioria dos presentes que levaram exemplos de luta, sugestões sobre como deve ser uma entidade estudantil independente, democrática e de luta, e sobre a importância de a juventude aprender com a classe trabalhadora, a única classe genuinamente revolucionária.

A partir dessa discussão uma resolução sobre a construção de sindicatos de estudantes foi elaborada, assim como uma sobre a importância de realizar a aliança operário-estudantil. Essa propõe a realização de panfletagens em fábricas, organizadas pelos núcleos da LL, e a organização de atividades de apoio a trabalhadores em greve, realizando arrecadações financeiras nas escolas e contribuindo com os

grevistas. Uma terceira resolução, sobre a conjuntura nacional e mundial, analisou a atualidade e tratou do papel da LL no período em que vivemos.

Quem foi para o Acampamento Revolucionário 2018 saiu com uma enorme disposição de luta para pôr em prática tudo o que debateu e continuar aprendendo a cada dia que passa. Agora é hora de ir para as escolas, para as universidades, construir sindicatos estudantis, de ir para as fábricas conversar com trabalhadores, apoiar suas lutas e suas greves. Vamos continuar na luta contra todos os ataques, contra a Reforma do Ensino Médio e a Lei da Mordada, por educação pública, gratuita e para todos, pelo Fora Temer e o Congresso Nacional e por um Governo dos Trabalhadores.

Você que quer lutar por um mundo onde não haja mais exploração do homem pelo homem, onde a juventude possa ter acesso à cultura, arte, educação, saúde, transporte, emprego, moradia, junte-se à Liberdade e Luta e venha lutar pela liberdade e pela revolução.